

UM POUCO DE MÚSICA

UMA ÓPERA A SERVIÇO DA LIBERDADE

Há alguns anos, um cidadão que se dizia leitor dos rabiscos sobre música que vez ou outra eu perpetrava pela imprensa, mandou-me uma pergunta assás interessante. Queria ele saber qual a ópera que dera causa à independência da Bélgica. Embora entendesse a pergunta e pudesse respondê-la de pronto, fiz-lhe ver, antes, que ela não estava bem formulada. Com efeito, não faz sentido uma ópera ter dado causa à independência de qualquer país. Esta, como é óbvio, decorre de profundas causas sociais, econômicas e políticas e poderia até parecer estultícia atribuí-la a uma ópera. A indagação para ficar correta deveria ser formulada mais ou menos assim: “Qual a ópera que está vinculada ao movimento de independência da Bélgica?” Af, sim, não cabe nenhuma dúvida: trata-se de **Masaniello**, do compositor francês Daniel Auber, levada à cena pela primeira vez em Paris, a 29 de fevereiro de 1828.

Seu autor, Daniel François Esprit d’Auber, nascido em Caen a 29 de janeiro de 1782 e falecido em Paris, com mais de noventa anos, em 12 de maio de 1871, foi uma das figuras da chamada **Grand Ópera**, tão do agrado dos franceses na primeira metade do século passado. Grande parte de suas óperas (e escreveu cerca de quarenta) está praticamente esquecida, pouco figurando nos cartazes dos teatros líricos europeus, mesmo da França. São obras que marcaram uma determinada época, não há dúvida, mas de montagens praticamente inexequíveis pelas suas grandes exigências cênicas. Delas, executam-se hoje, como peças de concerto, suas belíssimas “ouvertures”. Talvez um dia o disco venha a ressuscitá-las, como ocorreu com tantas outras óperas, mas até o momento não ocorreu, pois de toda a sua vasta produção, apenas uma, **Fra Diavolo**, foi parcialmente gravada e, ainda assim, na Alemanha e cantada em alemão. E há pouco apareceu uma gravação “private” e com a indicação “not for sale”, de **Le Cheval de Bronze**. Ambas, aliás, gravações excelentes, diga-se de passagem.

Além de **Masaniello**, de **Le Cheval de Bronze** e de **Fra Diavolo**, já mencionadas, encontramos em seu acervo, entre outras, **Les Diamants de la Couronne**, **Le Domino Noir**, **Le Bal Masqué**, **Le Lac des Fées**, **La Part du Diable**, **La Sirène**, **La Barcarolle**, **Haydée**, **La Circassienne**, **La Fiancée du Roi de Garbe** e **Le Premier Jour de Bonheur**.

Fra Diavolo chegou a ser aproveitada pelo cinema para uma deliciosa comédia com o Gordo e o Magro, a inesquecível dupla dos anos

30. Quem a assistiu dificilmente esquecerá a interpretação de Denis King no papel do galante salteador dos Abruzzos. A canção famosa, identificadora e característica de Fra Diavolo, adquiria, em sua belíssima voz, um sentido de nobreza raramente encontrado mesmo entre os maiores cantores de ópera.

Voltemos, porém, a **Masaniello**. Composta sobre texto de Scribe (aliás, o libretista de quase todas as suas óperas), foi inspirada num episódio verídico e seu personagem-título existiu realmente. Chamava-se Tommaso Aniello (da junção dos dois nomes formou-se Masaniello) e tem sua vida ligada a um movimento de revolta dos napolitanos contra os espanhóis, em 1647, época em que Nápoles e as cidades vizinhas estavam sob o domínio tirânico do Duque de Arcos. Sua atitude de revolta, segundo se propalava, fora motivada pela perda de suas poucas posses, vendidas para pagar a multa imposta à sua mulher por levar para casa um saco de farinha. A revolta foi tão bem sucedida, que o vice-rei espanhol viu-se forçado a abolir os impostos sobre alimentos e gêneros de primeira necessidade. Quando, porém, os insurrectos se dissolveram, Masaniello foi assassinado por sicários espanhóis. Companheiro de Masaniello nessa revolta foi o pintor e poeta Salvator Rosa, que inspirou ao nosso Carlos Gomes uma de suas óperas, estreada em 21 de março de 1874, sobre libretto de Ghislanzoni, baseado num romance de Mirecourt intitulado **Masaniello**.

Antes, porém, de Auber e de Carlos Gomes, esse episódio já havia tentado a um outro compositor, o inglês Samuel Akeroyde, que, em 1700, fez representar uma ópera sobre texto D'Urfey, intitulada **The Famous History of the Rise and Fall of Masaniello**; tal obra, todavia, não subsistiu e são poucos os especialistas que atualmente a ela se referem. A de Auber teve mais sorte, pois embora retirada de cartaz nos dias de hoje, fez época em seu tempo e teve poderosa influência, como se mostrará.

A ópera de Auber foi originalmente apresentada com outro título — **La Muette de Portici** — pois boa parte de sua ação se desenvolve nesse pequeno porto das proximidades de Nápoles, e uma das personagens, Fenella (irmã de Masaniello), embora desprovida de voz, torna-se a partir de certo momento o ponto central de toda a ação dramática, justificando perfeitamente o título primitivo, alterado pelo compositor para uma segunda representação da ópera.

Essa ópera, que retrata um momento da revolta dos napolitanos que jaziam sob o jugo espanhol, ao ser apresentada em Bruxelas, na noite de 25 de agosto de 1830, gerou sérios conflitos. Na época, os belgas estavam sob o domínio dos holandeses, oprimidos e espoliados pelos seus dominadores, tal como na ópera os napolitanos com relação aos espanhóis. A identidade de situações levou o público a uma série de distúrbios, especialmente quando os cantores, propositalmente, interpolavam ao texto da

ópera palavras alusivas à situação dos belgas. O duo do segundo ato, “Amour sacré de la patrie” foi retomado pelo auditório, sempre com alterações intencionais da letra original. As autoridades quiseram suspender o espetáculo, mas nada foi possível. Do teatro, o entusiasmo contagiante passou às ruas, numa série de motins que foram, por assim dizer, o estopim que fez explodir a rebelião que acabou por expulsar os holandeses e firmar de vez a independência da Bélgica.

Fica, assim, respondida aquela curiosa pergunta a que aludi de início, mostrando-se com a ópera **Masaniello** vinculou-se à história da independência da nação belga. Devo lembrar, ainda, que naquele mesmo ano de 1830, um mês antes dos sucessos de Bruxelas, já **Masaniello** desempenhara idêntico papel a serviço da liberdade, nos movimentos preparatórios da revolução que depôs Carlos X, de França. Com efeito, na Ópera de Paris, o famoso tenor Adolphe Nourrit (aliás, o criador do papel de Masaniello) interpolava ao libreto da ópera textos patrióticos e mesmo canções como **La Parisienne** e a própria **Marselhesa**, contribuindo, assim, para estimular as multidões que fizeram eclodir aquele movimento revolucionário.

Sobre o tema — óperas a serviço da liberdade — muito se poderá escrever. Lembrarei apenas, para encerrar, que, na Itália, por ocasião do “Rissorgimento”, quando o norte da península estava sob o domínio dos austríacos, três óperas de Verdi prestaram-se a essa missão: **Nabucco**, **A Batalha de Legnano** e **Átila**. (Odilon Nogueira de Matos).